

#### RESUMO

Com base nas proposições da Análise de Discurso Crítica (ADC), este trabalho apresenta uma discussão sobre os modos de representação e de constituição das identidades de gênero em práticas discursivas de letramento escolar. Nesse sentido, as relações entre discurso, poder e ideologia são aqui evidenciadas.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, letramento, identidade, poder, ideologia.

#### INTRODUÇÃO

Neste trabalho, propomos desenvolver uma discussão articulando a Análise de Discurso Crítica, a Teoria Social do Letramento e o Gênero Social. Para efeito de contextualização, apresentaremos e discutiremos alguns aspectos teóricos que vêm categorizando este trinômio. Faremos, também, uma reflexão sobre os modos de representação e de constituição das identidades de gênero em práticas discursivas de letramento escolar, em que se estabelecem as relações entre discurso, poder e ideologia. Nesse sentido, procuraremos jogar luz sobre o papel da linguagem na construção de posições identitárias de enfraquecimento ou de resistência e emancipação.

Este estudo está em consonância com um ponto da agenda de discussão que se faz presente nos cenários nacional e internacional contemporâneos. O gênero social é um dos principais temas debatidos nesse período que aprendemos a chamar, entre outros nomes, de

---

\* Professora da Universidade Federal de Goiás.  
E-mail: Luzro7@yahoo.com.br

modernidade tardia. É esse um período marcado por um quadro de bruscas transformações que abalam os sentidos de referência que permitiam ao indivíduo uma percepção de estabilidade. Essa situação requer dos estudos da linguagem a discussão sobre as identidades, tomando-se o pressuposto de que as identidades pós-modernas estão sendo descentradas, deslocadas, fragmentadas (HALL, 1997, p. 21).

Quanto ao nosso outro viés de reflexão, é bom ressaltar que, apesar de compreender que existam tantos letramentos quantos forem os contextos diferenciados – daí, a visão de multiletramentos –, nossa reflexão estará voltada para o letramento do contexto escolar, visto que, nesse espaço, a mobilidade social das pessoas configura especificidades discursivas que delineiam perfis de gêneros e, sobretudo, constroem e constituem identidades. Além disso, tais contextos são espaços privilegiados onde se realizam episódios cotidianos relacionados às práticas interacionais, socioculturais.

#### LETRAMENTO: ALGUMAS IMPLICAÇÕES

O termo letramento é empregado, segundo Street (1984, p. 1), para designar “práticas sociais e concepções de leitura e de escrita”<sup>1</sup> adquiridas por uma coletividade. Em seus trabalhos (1984, 1993), este autor nos apresenta o letramento autônomo e o letramento ideológico.

Ressaltamos que tais nomenclaturas não são relevantes, pois o que realmente nos interessa são os conceitos que cada projeto de letramento internaliza e suas implicações na discussão sobre discurso e gênero social que aqui desenvolvemos.

O modelo autônomo de letramento não leva em consideração fatores e contextos sociais de sua produção e interpretação. Por isso, nessa perspectiva a leitura e a escrita são consideradas blocos completos em si mesmos e o letramento é compreendido como fenômeno isolado, sem conexão com a exterioridade, centrado no indivíduo.

Considerando a escrita um bloco fechado em si mesmo, o modelo autônomo de letramento traz uma visão fragmentada da realidade, segundo a qual a aprendizagem é vista somente sob o ângulo de teorias cognitivistas que não levam fatores sociais em consideração. O texto escrito é tomado como um produto de cognição individual, como uma representação do pensamento, dos significados e da língua oral.

Assim, desse projeto de letramento, que desconsidera a realidade social, não se pode esperar um trabalho voltado para a formação da consciência crítica das pessoas e, ainda mais, para a efetiva emancipação.

O conhecimento trabalhado dentro dessa concepção, que não considera a prática social, veicula, de modo consciente ou não, as ideologias da sociedade dominante. E como não trabalha para que as pessoas envolvidas tenham consciência crítica, essas ideologias não são contestadas. Com isso, as pessoas, geralmente, não percebem as manipulações a que estão se assujeitando.

O modelo autônomo parte da visão de que o conhecimento é algo para ser apenas consumido e não produzido, transformado, desafiado. Ele trabalha com a concepção das verdades absolutas, dos sentidos prontos e acabados, fechando os espaços para a contestação e a resistência.

Segundo Street (1984), o outro projeto, o ideológico, apresentando uma perspectiva social, já com um viés crítico, considera que as práticas de letramento dependem da sociedade em questão e das ideologias nela veiculadas. Para nós, que vivemos numa sociedade centrada na escrita, os eventos de letramento<sup>2</sup> possuem grande importância social: quem não é “letrado”, normalmente é marginalizado. Por isso, segundo Kleiman (1995), o letramento é considerado um “conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder”.

Podemos, então, afirmar que, quando a escola, através de códigos e valores, considera uma ou outra base que diz respeito aos letramentos

autônomo e ideológico, está contribuindo ou não para a emancipação do ser humano, para a manutenção da hegemonia de classe, de privilégios adquiridos, mantidos e naturalizados pelo senso comum.

Os eventos de letramento no contexto escolar, por exemplo, quando considerados como prática social,<sup>3</sup> ou seja, como discurso – discurso tomado como um veiculador de significações e ideologias que constroem a realidade, por meio das várias dimensões das práticas discursivas –, podem favorecer as transformações, ao veicular um sentido fortalecedor e emancipatório.

As diferentes instituições e práticas sociais veiculam ideologias. Estas estão imbricadas a noções de poder e hegemonia, num processo que, segundo Fairclough (2001, p. 122), se constitui como “um foco de constante luta sobre pontos de grande instabilidade entre classes e blocos, para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas.”

Para melhor entendermos as relações de poder e hegemonia que estão atravessadas nas práticas de letramento, faz-se necessário jogar luz sobre as palavras de Thompson (1995, p. 58):

Ideologia é o significado mobilizado por formas simbólicas (ações, imagens, textos) que servem para estabelecer e sustentar relações de dominação: estabelecer relações de dominação no sentido de que o significado pode criar e instituir essas relações; sustentar, no sentido de que o significado serve para manter e reproduzir relações de dominação por meio dos processos de produção de texto.

Desse modo, a ideologia se constitui como um sentido veiculado na sociedade, promovendo a sustentação de relações de poder existentes e provocando a configuração de novas formas de domínio.

Este sentido é, portanto, veiculado nas práticas sociais, o que nos leva a dizer que as instituições possuem suas ideologias. Assim, também a instituição educacional se define com determinados sentidos ideológicos. Sentidos estes que constroem e constituem as identidades sociais.

Os eventos de letramento, imbuídos de toda uma carga de ideologia, de relações de poder e de dominação, remetem-nos às práticas de letramento, inscritas, então, nas atividades sociais. São as práticas socioculturais que influenciam o discurso. As práticas de letramento são, portanto, formas culturais, que as pessoas exploram em um evento de letramento (BARTON, 1994, p. 34). Dessa forma, podemos afirmar que os eventos de letramento, no contexto escolar, configuram-se como momentos discursivos, por excelência, de sustentação ou de contestação do *status quo*. A revisão de construções identitárias pode permear tais eventos, bem como a reprodução de papéis sociais.

Contrariando a perspectiva do modelo autônomo, entendemos que um projeto de letramento só pode ser compreendido dentro da perspectiva discursiva, profundamente ligado à noção de cultura, de contexto, de prática social. Além disso, e por isso, ele ultrapassa as fronteiras do oral e do escrito e se circunscreve nas dimensões de qualquer semiose, pois reconhece o caráter multifacetado da realidade.

Podemos assim dizer que os eventos de letramento reivindicam um contexto de cultura. Essa visão encontra-se com a perspectiva de Halliday (1994), que compreende que um contexto de situação – aquele que diz respeito ao ambiente imediato – sempre vai nos remeter a um contexto de caráter mais amplo, global, o contexto de cultura. Aqui, queremos evidenciar um sentido de cultura que está conectado com relações de ideologia e de poder, relações que estão imbricadas na discussão sobre a construção das identidades de gênero.

Barton e Hamilton (2000, p. 16) asseveram que as pessoas se envolvem em redes sociais públicas e privadas e, dentro dessas redes, elas têm diferentes papéis e diferentes identidades.<sup>4</sup> E, se na instituição escolar, uma das redes sociais, as práticas e os eventos são desvinculados da realidade social, a identidade de discentes e de docentes que se delinea nessa instituição é a de seres passivos e não-críticos.

Entendemos, então, que defender projetos de letramento na perspectiva da prática social é abrir espaço para as novas identidades –

aquelas que se opõem às identidades tradicionais –, é fazer dos eventos discursivos lugar de luta contra os mecanismos que naturalizam e legitimam a assimetria presente nas relações entre os gêneros sociais; é fazer desses eventos uma oportunidade de consciência crítica e tomada de posições.

As práticas de letramento, portanto, têm muito a contribuir para os estudos acerca de identidades no contexto da escola, pois, por meio dos seus eventos, podemos pesquisar as ideologias e as lutas hegemônicas que ocorrem em tal contexto.

#### ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA E SUAS CONEXÕES

Falar sobre as práticas sociais, sobre as práticas discursivas é também falar sobre a Análise de Discurso Crítica (ADC), posto que essa teoria metodológica considera a linguagem como prática social e leva em consideração o contexto do uso da linguagem como uma dimensão crucial (FAIRCLOUGH, 2001; WODAK, 2001). Olha criticamente para a relação de poder, de dominação e de resistência institucionalmente constituída. Daí, a sua pertinente, e inevitável, contribuição para o desenvolvimento dessa discussão.

As relações de poder e sua conexão com a linguagem presentes no discurso são de interesse da Análise de Discurso Crítica, que tem como objetivo, segundo Wodak (2001), investigar criticamente como as desigualdades são expressas, constituídas, legitimadas pelo uso da linguagem, tendo como objetos de questionamento não só os textos escritos ou orais, mas qualquer semiose.

Chouliaraki e Fairclough (1999) relacionam a ADC aos estudos da modernidade tardia, relacionando esta teoria aos estudos da Ciência Social Crítica. Assim, advogam que a vida social é feita de práticas, sendo o discurso um elemento dessas práticas, elementos esses que se constituem dialeticamente. Assim, nessa dinâmica, Fairclough (2001) ressalta a relação das práticas discursivas com as estruturas de poder.

Estas moldam o discurso e são por ele moldadas. É possível, então, identificar relações de poder e de assimetria expressas pela linguagem. É possível, também, perceber o papel que a linguagem assume nas práticas discursivas: um papel fortalecedor ou enfraquecedor.

Chouliaraki & Fairclough (1999) salientam que compreender o momento discursivo significa observar a articulação não só dos vários momentos dentro de uma prática, mas também a relação entre diferentes práticas; significa observar como os sujeitos podem posicionar-se dentro dessas práticas, reproduzindo uma ordem discursiva ou estabelecendo novas configurações. Estas são articuladas simultaneamente com muitas outras de múltiplas posições sociais e com diversos efeitos sociais.

Mostrando que a linguagem é socialmente construída, Fairclough (2001) aponta para a ação dos participantes no mundo em condições sócio-históricas particulares que estão refletidas em seus projetos políticos e nas relações de poder que operam. O autor relaciona construção social com interação social, textos com outros textos e discurso com identidade. Desse modo, as abordagens de Fairclough (2001, 2003) são instrumentos para o estudo da linguagem em contextos específicos e para o entendimento da relação entre linguagem e identidade, fazendo vir à tona o papel que as instituições exercem na constituição de identidades, mostrando como o poder é distribuído na sociedade e revelando as identidades não como algo concluído, mas como processo moldado sócio-historicamente pelas relações de poder que estão em jogo nas práticas discursivas.

Na análise das relações de poder, faz-se necessário considerar os processos e as estruturas sociais que ocasionam a produção de textos e a produção de sentido na interação de indivíduos ou grupos com esses textos. Assim, são importantes para uma Análise de Discurso Crítica os conceitos de poder e de ideologia. São também relevantes os modos de ação da ideologia que naturalizam relações desiguais; entre elas, as de gênero. Tomando um viés não determinista e acreditando na mudança discursiva, a Análise de Discurso Crítica (PEDRO, 1997; FAIRCLOUGH, 2001;

2003; WODAK e MEYER, 2001) defende que, *com e na* relação dialética entre discurso e sociedade, é possível promover a mudança social.

Podemos perceber que as abordagens de linguagem, desenvolvidas por Fairclough (2001), propiciam reflexões a respeito da identidade de gênero como um dos aspectos da vida social moldada pela linguagem. Esse autor relata a sua compreensão sobre o relacionamento entre linguagem e identidade e integra o estudo da linguagem com o seu estudo sobre o contexto de produção, mostrando que o texto é inseparavelmente ligado aos seus processos de produção e interpretação, e que esses aspectos, por sua vez, são inerentes ao contexto sócio-histórico em que os participantes do evento discursivo estão inseridos.

Os estudos de Fairclough (2001) muito contribuíram para que fizéssemos uma correspondência entre valores, crenças e práticas, em contextos específicos, levando-nos à compreensão da relevância do papel da linguagem para manter e contestar esses valores, crenças e práticas dentro de contextos específicos de cultura.

A contribuição de Fairclough (2001, 2003) para os estudos acerca do discurso e da identidade deve-se às reflexões acerca da construção da identidade em um contexto de valores institucionais e culturais flutuantes. Para ele,

o discurso contribui para o processo de mudança social em que as identidades sociais ou os “eus” associados a domínios e instituições específicas são redefinidos e reconstruídos. (p. 137)

[...] quando um discurso enfatiza a construção, a função de identidade da linguagem, este começa a assumir grande importância, pois as formas pelas quais as sociedades categorizam e constroem identidades para os seus membros é um aspecto fundamental de como elas atuam e de como relações de poder são expostas e exercidas, de como as sociedades são reproduzidas e mudadas. (p. 168)

Dessa forma, Fairclough (2001) mostra em seus estudos como a linguagem é socialmente construída e como ela tem se constituído como a mais poderosa de todas as categorias de comunicação para a construção

social da realidade. Mostra, ainda, que os participantes agem no mundo em condições sócio-históricas particulares que estão refletidas em seus projetos políticos e nas relações de poder em que operam, relacionando construção social com interação social, textos com outros textos e discurso com identidade.

#### O GÊNERO SOCIAL NAS TRILHAS DO DISCURSO E DO LETRAMENTO

O gênero social, como uma construção social, define, numa dada cultura, expectativas de comportamento de mulheres e homens – o que caracteriza o masculino e o feminino. É ele um construto social elaborado no discurso e que está discursivamente ligado ao sexo: homens devem ser masculinos, com tudo que isso implica, e mulheres devem ser femininas. Tais expectativas são produzidas, veiculadas e reproduzidas por meio de práticas sociais, entre elas as práticas e eventos de letramento do contexto escolar.

A identidade de gênero social é, portanto, articulada e rearticulada a cada evento de letramento, num fenômeno sociocultural que, como tal, atua como um instrumento mediador dos processos de identificação dos sujeitos sociais. Desse modo, podemos afirmar que homens e mulheres aprendem a ser o que são na interação discursiva da qual participam. Em outras palavras, o gênero social é construído e constituído por meio da linguagem, que é aqui continuamente identificada como prática social. Assim, a construção e constituição das identidades de gênero implicam a interação dos indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados, implicam as posições que eles assumem e as maneiras como são eles posicionados nos eventos de letramento.

Poynton (1989) discute a dicotomia homem e mulher, macho e fêmea, masculino e feminino, trazendo e contestando idéias ideologicamente produzidas, que contribuem para a construção da realidade assimétrica das relações de gênero, observadas nos contextos escolares, que são internalizadas desde a infância, sobretudo na família,

conforme Fairclough (2001), por meio de práticas e de eventos discursivos.

Para Poynton (1989), a construção da identidade submissa da mulher começa assim que ela nasce, na família, uma das principais agências de letramento, quando em volta dela cria-se um cenário de sentidos que reforçam estereótipos naturalizados. É o gênero social, aqui compreendido, conforme Lazar (2005, p. 7), como uma estrutura ideológica “que divide as pessoas em duas classes, homens e mulheres, com base em uma relação hierárquica de dominação e subordinação respectivamente”. Nesse sentido, os estereótipos de gênero estão internalizados, quase sempre de maneira velada, nas interações discursivas – sendo o evento de letramento uma delas –, contribuindo para as formas de discriminação e, conseqüentemente, para as formas de manutenção da assimetria que vem determinando as relações entre as identidades de gênero.

Entretanto, existem modos diferentes que contribuem igualmente para a construção da identidade da mulher e para a segregação de gênero. Magalhães (1995) acentua que o discurso veiculado na sociedade pode ser de controle ou de liberação. O discurso de controle está diretamente vinculado aos padrões da ideologia dominante, da família patriarcal. Por meio dele, a mulher não tem lugar de fala na sociedade, ficando sujeita aos estereótipos que nos remetem a “velhas” identidades, aquelas tidas como tradicionais. O discurso de liberação, ao contrário, é aquele que, através de práticas discursivas, procura criar, para as mulheres, lugar de fala no qual elas são sujeitos.

O discurso de liberação já apresenta alguns sinais. Há mulheres ocupando lugar de poder em instituições de trabalho, por exemplo. No entanto, Patai (1988) assevera que há mulheres que se enquadram passivamente em estereótipos que caracterizam as “velhas” identidades. Estereótipos que vêm a evidenciar que, apesar da urbanização, do acesso à educação, muitas mulheres não estão cientes de seu assujeitamento e, por isso, não apresentam resistência diante das relações de desigualdades de que são vítimas. Esse assujeitamento pode ser questionado no contexto da escola, dependendo do projeto de letramento por ela adotado. Porém,

na maioria das instituições de ensino, professoras e professores reproduzem a dicotomia dos gêneros sociais quando reforçam estereótipos sócio-históricos e culturalmente produzidos para os mesmos. Mesmo não tendo consciência disso, adotam, muitas vezes, as bases do modelo autônomo de letramento.

Dessa forma, os eventos de letramento nos contextos escolares configuram-se, quase sempre, como o lugar em que se manifestam mecanismos e estratégias de enfraquecimento da mulher, que, em geral, não percebe as manobras sutis de assujeitamento que a ela são direcionadas.

Contudo, considerando o gênero uma criação social veiculada por meio de práticas e reconhecendo o caráter de mobilidade e transformação dos novos tempos, é possível contar, segundo Fairclough (1989; 2001), com uma mudança nas relações de gênero e na construção da identidade da mulher, caso haja uma mudança discursiva. Para este autor, a relação entre discurso e prática é dialética, contribuindo, portanto, a mudança discursiva para a mudança da prática social e vice-versa. E, ainda, segundo Street (1995, p. 16), “a mudança social envolve o desafio a formas dadas de discurso dominante e a produção e afirmação de outros discursos inseridos em novas condições materiais.”<sup>5</sup>

Não podemos afirmar que, na atualidade em que ocorrem mudanças com velocidade vertiginosa, a construção da identidade – e a transformação das mesmas por meio do discurso – fique a cargo somente da instituição escolar. Porém, ela é uma das que participam significativamente desse processo, pois as identidades se constroem a partir das relações que estão em jogo nas práticas discursivas. É nesse sentido, conforme Magalhães (1995), que podemos relacionar as práticas de letramento com a constituição das identidades de gênero.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Usamos, neste trabalho, as terminologias letramento autônomo e letramento ideológico apenas como pontos de partida de uma discussão

em que apresentamos a linguagem como veículo de expressão de idéias e de experiências. Nesse sentido, ela expressa aspectos do contexto sociocultural onde é produzida, influenciando-nos a pensar e a agir deste ou daquele modo, o que também ocorre no contexto escolar, espaço no qual temos os eventos de letramento moldados pela instituição, bem como por relações de poder (BARTON e HAMILTON, 2000). Nestes eventos, as relações sociais ocorrem e, nelas, as identidades de gênero estão representadas. Assim, na perspectiva da teoria social do letramento, tais eventos devem ser compreendidos como um “lugar” dos modos de ação da ideologia em que as identidades de gênero são constituídas. Desse modo, devem eles se abrir para as negociações, o desafio, para a contestação de práticas sociais que vêm naturalizando relações assimétricas entre os gêneros sociais. Isso envolve uma reorganização de práticas de ensino e sistemas de conhecimento, envolve valores e crenças, pois, como acentua Street (1884), “as práticas de letramento se circunscrevem ao contexto social e incorporam não apenas eventos de letramento, mas também ideologias, valores e crenças”. É nessa perspectiva que compreendemos o discurso como prática ideológica que, na acepção da Análise de Discurso Crítica, estrutura as relações de poder na sociedade e são por elas estruturado, mantendo ou transformando identidades e relações sociais. Dessa maneira, acreditamos que o letramento, tratado como prática social, pode configurar novos sentidos de mudança para as relações das identidades gênero.

CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS, LITERACY AND SOCIAL GENRE

ABSTRACT

Based on Critical Discourse Analysis propositions, this paper presents a discussion of the ways of representation and of the constitution of gender identities in discursive practices within school literacy. In this way, the relation between discourse, power and ideology are brought to light.

KEY WORDS: Discourse, literacy, identity, power, ideology.

## NOTAS

1. “I shall use the term ‘literacy’ as a shorthand for the social practices and conceptions of reading and writing.”
2. Segundo Heath (1983), eventos de letramento são “ocasiões do dia-a-dia em que a palavra seja empregada numa interação social”. E, segundo Barton e Hamilton (1998, p. 7), eventos são episódios observáveis que emergem de práticas e são por elas moldadas. (Tradução nossa).
3. Para Chouliaraki e Fairclough (1999), uma prática pode ser entendida tanto como uma ação social concreta e singular, realizada em um tempo e lugar particulares, quanto como o que tem uma relativa permanência.
4. “Within such networks people take on specific roles and assert different identities.” (BARTON e HAMILTON, 2000, p. 16)
5. “Social change involves challenging a given form of (dominant) discourse and the production and assertion of other discourses within new material conditions.” (Tradução nossa).

## REFERÊNCIAS

- BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy practices. In: BARTON, D. et al. (Orgs.). *Situated literacies: reading and writing in context*. Londres e Nova York: Routledge, 1998.
- BARTON, D. *Literacy. An introduction to the ecology of written language*. Oxford: Blackwell, 1994.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Tradução de I. Magalhães et al. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres and Nova York: Routledge, 2003.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de T. T. da Silva e G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

- HEATH, S. B. *Ways with words: life and work in communities and classrooms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- LAZAR, M. (Org.). *Feminist critical discourse analysis*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005.
- MAGALHÃES, M. I. S. A critical discourse analysis of gender relations in Brazil. *Journal of Pragmatics*, 23, 1995.
- PATAL, D. *Brazilian women speak*. Massachusetts: Rutgers, 1988.
- PEDRO, E. R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: PEDRO, E. R. (Org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.
- POYNTON, C. *Language and gender: making the difference*. Oxford: University Press, 1989.
- STREET, V. B. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). *Cross-cultural approaches to literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Social literacies*. Londres e Nova York: Longman, 1995.
- THOMPSON, J. B. *ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- WODAK, R.; MEYER, M. *Methods of critical discourse analysis*. London: Sage Publications, 2001.